



OS JOVENS CRIAM ASAS NO CHÃO DA ESCOLA: SOCIOPOÉTICA E RESISTÊNCIAS DE ESTUDANTES GAYS EM CONTEXTOS ESCOLARES

LOS JÓVENES CREAN ALAS EN EL SUELO ESCOLAR: SOCIOPOÉTICA Y RESISTENCIA DE ESTUDIANTES GAYS EN CONTEXTOS ESCOLARES

YOUNG PEOPLE CREATE WINGS ON THE SCHOOL FLOOR: SOCIOPOETICS AND RESISTANCE OF GAYS STUDENTS IN SCHOOL CONTEXTS

*Wesley da Silva Rodrigues*¹

*Shara Jane Holanda Costa Adad*²

RESUMO

Este artigo tem como proposta ultrapassar valores pré-estabelecidos e romper com a invisibilidade de jovens gays em contextos escolares, proporcionando a eles espaço como sujeitos capazes de pensar novos conceitos e formas de problematização, com a contribuição do método sociopoética. A problemática da pesquisa é: o que os jovens gays pensam sobre si mesmos e quais são as **performatividades** presentes nos trajetos de resistência que questionam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade nos contextos escolares? O grupo pesquisador foi composto por quatro jovens homossexuais estudantes do 2º ano do ensino médio da Unidade Escolar Cassiana Rocha, localizada na cidade de Piripiri, Piauí. Os dados foram produzidos por meio da técnica artística corpo-giz. O medo e a dor estão presentes na trajetória desses jovens gays, assim como a invisibilidade em relação a si mesmos, à família e à escola. Contudo, os estudantes criam performatividades de resistência aos valores pré-estabelecidos e à invisibilidade que lhes é imposta.

PALAVRAS-CHAVE: Jovem Gay. Performatividades. Resistências. Escola.

RESUMEN

Este artículo pretende superar valores preestablecidos y romper con la invisibilidad de los jóvenes gays en contextos escolares, dándoles paso como sujetos que piensan nuevos conceptos y formas de problematizar con el aporte del método sociopoético. El problema de investigación es: ¿qué piensan los jóvenes gays sobre sí mismos y cuáles son las performatividades presentes en los caminos de resistencia que problematizan los valores preestablecidos y rompen con la invisibilidad en los contextos escolares? El

¹ Mestre e Doutorando em Educação. Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina, PI, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina, PI, Brasil.

grupo de investigación fue creado con cuatro jóvenes estudiantes homosexuales del 2º año de secundaria de la Unidad Escolar Cassiana Rocha, en la ciudad de Piripiri-Piauí. Los datos fueron elaborados mediante la técnica artística body-chalk. El miedo y el dolor están presentes en la trayectoria de los jóvenes homosexuales, así como la invisibilidad dentro de ellos mismos, en la familia y en la escuela. Sin embargo, los estudiantes crean performatividades de resistencia a los valores preestablecidos y a la invisibilidad que les imponen.

PALABRAS-CLAVE: Joven gay. Performatividades. Resistencias. Escuela.

ABSTRACT

This article aims to go beyond pre-established values and break with the invisibility of young gays in school contexts, giving them passage as subjects who think about new concepts and ways of problematizing with the contribution of the sociopoetic method. The research problem is: what do young gay people think about themselves and what are the performativities present in the paths of resistance that problematize pre-established values and break with invisibility in school contexts? The research group was created with four young gay students in the 2nd year of high school at the Cassiana Rocha School Unit, in the city of Piripiri-Piauí. The data was produced using the body-chalk artistic technique. Fear and pain are present in the trajectory of young gay people, as well as invisibility within themselves, in the family and at school. However, students create performativities of resistance to pre-established values and the invisibility imposed on them.

KEYWORDS: Young Gay. Performativities. Resistances. School

As bichas jovens estudantes no chão da escola

Este texto é um excerto de pesquisa inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na linha de pesquisa Educação Diversidades/Diferença e Inclusão, no Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGECEI) e no Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE). Como estudo sociopoético, vislumbra transformar pensamentos, acessar sentimentos e emoções, metamorfoseando pessoas leitoras em favor de corpos-borboletas. A proposta é ultrapassar valores pré-estabelecidos e romper com a invisibilidade de jovens gays em contextos escolares, dando a eles passagem como sujeitos pensadores de novos conceitos e formas de problematizar com a contribuição do método sociopoético.

Escrever esta pesquisa é uma atitude performativa, uma denúncia, uma forma de resistência, porque me expesso de maneira subjetiva, expondo minhas singularidades, tal qual um artista ao produzir sua obra de arte, imprimindo nela seu

estilo. Esses são meus últimos dias de escrita, precisei entrar no meu casulo e me afastar de todo tipo de interferência; queria estar na praia olhando as ondas, independentemente disso, o meu sentimento é de felicidade – um mar que transborda em mim.

Informo que o processo deste estudo me fez enxergar a minha incompletude de vir a ser – sou uma pessoa que deseja aprender! Rememorando cada passo até chegar aqui, tenho a convicção de que não sou mais o mesmo. As lentes as quais utilizei estavam embaçadas, pois existiam minúsculas gotículas de água que se acumulavam em meus óculos – tinham a superfície turva pela minha transpiração devido às temperaturas diferentes e opressoras dos ambientes nos quais toda a minha existência foi construída.

Estou certo de que meu corpo homossexual é uma potência por meio da qual posso andarilhar novos desafios em busca de experiências e conhecimentos. Esse corpo pode ocupar o lugar que quiser. A universidade também é meu espaço. Esta pesquisa é “dar *close*”, porque ela dá visibilidade a todos os gays – bichas, viados, baitolas, invertidos, maricas e afeminados. Eu e eles somos todos esses “sinônimos”, mas como ato de resistência, além de paradoxos, exageros e muita purpurina. Dessa forma, algo oposto ao medo, à vergonha de ser e à não aceitação de si. Tá, meu bem? Como é bom ser “viado”! (Paulo Gustavo e Marcus Majero). Ai, que delícia é ser “viado”! (Lindsay Paulino).

Em suma, a ligação entre as humanidades e a palavra:

Onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. Em compensação, ao mesmo tempo que se difunde, vemos que a escrita pouco a pouco vai substituindo a palavra falada, tornando-se a única prova e o único recurso; vemos a assinatura tornar-se o único compromisso reconhecido, enquanto o laço sagrado e profundo que unia o homem à palavra desaparece progressivamente para dar lugar a títulos universitários convencionais (Bâ, 2010, p. 168).

A palavra tem que ser dita com o corpo. A fala é uma força – poder de criação que gera movimento, ritmo, vida e ação. A escuta faz elos às diversidades/diferenças, aos distintos modos de vida. “Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala. Trata-se de uma percepção total, de um conhecimento no

qual o ser se envolve na totalidade” (Bâ, 2010 p. 172). Para eu realizar este estudo, também me embasei no que Bâ defende:

A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se “à escuta” (Bâ, 2010 p. 212).

Diante disso, saber que este trabalho é a validação de resistências me emociona profundamente: escrevo com as lágrimas percorrendo minha face – queria muito receber um abraço neste momento. O choro, para mim, está sendo uma celebração à passagem de todos os sentimentos que envolveram esta trajetória, do início ao fim. Aliás, ser homossexual perante as instituições, principalmente a escola, é um desafio – dentro e fora dela ainda sou um obstáculo. O corpo gay luta para sobreviver às inúmeras violências que sofre diariamente.

O corpo gay é uma afronta por onde passa

Um corpo homossexual na universidade – na pós-graduação, pesquisando jovens homossexuais na escola pública de ensino médio, ainda é algo que incomoda – lembro-me de uma aula da disciplina de Educação Brasileira, do primeiro semestre do mestrado, na qual a discussão estava centrada nos movimentos LGBTQIA+. Na ocasião, ao compartilhar minha experiência, afirmei para a turma que “eu fui uma criança viada” e apontei as violências sofridas por mim na escola. Em seguida, fui interrompido por um companheiro que retrucou: “pois eu jamais aceitaria que meu filho tivesse aula com um professor que se intitula ‘criança viada’, ainda mais que seja distribuído cartilha sobre esse tipo de gente na escola”. Rapidamente respondi: “pois, o pior para seu filho não seria ter um professor ‘viado’, mas conviver com um pai homofóbico, conservador e preconceituoso”. Ele indagou “Quem disse que eu sou homofóbico? *Tenho até amigos gays. Nada contra.* Só acho que na escola não é para discutir essas coisas de *sexualidade*. Cada um pode ser o que quiser desde que *se dê respeito*”. O diálogo foi intenso e é difícil descrevê-lo nessas poucas linhas, mas esclareço que as violências não têm hora nem local ou pessoa específica para realizar seu ataque e nos submeter a labirintos.

Com o propósito de demolir esse labirinto, que faz morrer e silenciar corpos, aproveito para falar sobre os atravessamentos enfrentados durante a construção deste estudo. Para isso, convido-lhes a me ouvirem falar deitado sobre meu divã, este que utilizo para relaxar; proporcionar mais conforto, maior liberdade de pensamentos, já que, neste momento, não tenho contato ocular com vocês. Entro em hipnose para provocar uma catarse – libertação dos afetos represados.

Na pandemia, passei por muitos sofrimentos – isolamento social, ausência familiar e *fiquei sem dançar*; minha irmã enfrentou depressão pós-parto, dependência química, período de abstinência, tentativa de suicídio com arma branca, sintomas, delírios, alucinações, medicação, desmame e terapia.

Foi preciso criar um devir-pássaro, tornei-me um *joão-de-barro*; peguei cocô de gado, pelos de animais, capim e outros vegetais – essa mistura evita rachaduras. Construí uma casa resistente para acolher minha família. Esqueci-me para cuidar da minha irmã e da minha sobrinha recém-nascida; paralelamente, havia a necessidade de continuar trabalhando e estudando. Não foi fácil! O meu planejamento e a preparação da minha família para que eu pudesse realizar o sonho do mestrado foi rapidamente tomando outra proporção.

Nesse voo de passarinho solitário, precisei cavar um túnel para chegar à luz (conhecimento/discernimento/autoconhecimento). Mesmo com falta de tempo para o ócio criativo, as responsabilidades acadêmicas e a intensa cobrança durante o ensino remoto, a nós, professoras/es da Educação Básica, não me impediram de continuar com o estudo e cumprir, com louvor, as atribuições do programa de Pós-Graduação em Educação.

Enfatizo que cursar as disciplinas do mestrado, em formato remoto, foi para mim uma adversidade, pois a falta de interação direta entre as/os docentes e discentes me colocaram em situação desconfortável, afinal, tivemos que nos adaptar às aulas na plataforma *Google Meet*. Foi angustiante ser obrigado a cursar as disciplinas em casa, por não ser um ambiente adequado aos estudos, devido às distrações eventuais – interrupções corriqueiras do dia a dia (sons/barulhos, choro do bebê e problemas na internet).

Em meio a essas adversidades, aprendi com o grupo-pesquisador da minha pesquisa de mestrado a criação e a resistência por meio do seu Devir-Semente: o personagem conceitual **Corpo-Giz-Semente** é filósofo coletivo que produz esse devir, conforme Fotografia 1:

Fotografia 1: Corpo-Giz-Semente

Fonte: Dados da pesquisa.

O grupo-pesquisador, na Sociopoética, é composto por copesquisadores – participantes que atuam de forma colaborativa e horizontal, sem hierarquias pré-estabelecidas, em que cada membro contribui com seus saberes, experiências e perspectivas para o desenvolvimento da pesquisa. A ideia de “copesquisa” sublinha a importância da produção coletiva do conhecimento, em que todos os participantes têm voz ativa no processo de problematização, reflexão e criação de novos conceitos.

Ao se posicionarem como copesquisadores, os membros do grupo assumem uma postura de interação, colaboração e aprendizado mútuo, em que as fronteiras entre quem investiga e quem é investigado se tornam mais fluidas. Isso cria um ambiente onde o conhecimento não é apenas produzido de forma acadêmica, mas também vivido e experimentado no cotidiano dos participantes. Essa abordagem valoriza a diversidade de perspectivas e saberes, reconhecendo que o processo de pesquisa é enriquecido quando cada copesquisador traz contribuições distintas, baseadas em suas próprias trajetórias de vida e experiências.

Além disso, o conceito de copesquisa implica que todos os membros do grupo compartilhem responsabilidades na definição do planejamento das ações, na produção dos dados e na análise dos resultados. Nesse sentido, a pesquisa se torna uma prática democrática e inclusiva, em que o conhecimento gerado é fruto de um esforço coletivo, e não de uma autoria individual. Portanto, reforça a ideia de que a Sociopoética não

busca apenas a produção intelectual, mas também a transformação social e cultural, por meio de práticas de pesquisa que envolvem e beneficiam os sujeitos diretamente.

Esse modelo de ciência colaborativo amplia as possibilidades de reflexão crítica, pois permite que os copesquisadores explorem diversas formas de problematizar a realidade, a partir de experiências e olhares múltiplos. A criação de novos conceitos surge dessa interação dinâmica entre os membros do grupo, que compartilham a responsabilidade de pensar e agir de maneira coletiva para construir alternativas de entendimento e de intervenção no mundo.

Assim, nesta pesquisa, o **Corpo-Giz-Semente** é o jovem gay que resiste às intempéries da vida e consegue gerar uma árvore que, mesmo passando por todas as estações, nas quais lhe caem as folhas, em outras ela é podada, ainda assim ela resiste a todas as adversidades impostas: à falta de água, ao frio, ao sol intenso, à falta de amor, de cuidado. Ela resiste e continua frondosa, com lindas e exuberantes folhas e flores e, hoje, ela dá frutos e, com certeza, sementes.

Passos metodológicos da pesquisa sociopoética de jovens gays

A abordagem sociopoética (Gauthier, 2003, 2012), utilizada na pesquisa, possibilitou-me usar lentes não embaçadas e avistar, sentir as intensidades, o fluxo e o fruir de pequenas partículas que emitem luz – fontes que podem ser produzidas por diferentes modos ao pesquisar. Ter o corpo inteiro no estudo é uma fluorescência que adquire luminosidade ao ser aclarada. As técnicas artísticas são fosforescências, pois quem as vivencia é capaz de absorver a luz e manter sua luminescência. Assim,

[...] a sociopoética é uma invenção única, transdisciplinar, inter/transcultural e eticamente engajada com a heterogeneidade na pesquisa, pois não está interessada em perceber o que é homogeneizado no grupo, mas aquilo que é singular, diferente (Adad; Linhares, 2024, p. 9).

O primeiro passo para a negociação da pesquisa, foi uma conversa com a diretora e com a coordenadora pedagógica da Unidade Escolar. Elas, de forma bem solícita, disponibilizaram-me o calendário escolar, horários de aulas e o Projeto Político Pedagógico, e me explicaram que as aulas estavam acontecendo em formato híbrido, porque houve um desabamento do teto da escola e em apenas duas salas não foram

atingidas. A diretora explicou: “infelizmente, a estrutura física está comprometida, por isso, decidimos atender aos estudantes pelo menos duas vezes por semana na escola”.

Então, após conhecer a realidade em que a escola se encontrava, expliquei sobre o interesse por pesquisar os jovens gays do 2º ano do Ensino Médio, série escolhida de forma planejada para poder acompanhá-los no decorrer da pesquisa e de outros estudos futuros. Aproveitei para apresentar o questionário de inscrição para participação e, após apreciação, ficou acertado que eu seria adicionado no grupo de WhatsApp para divulgação do *link* das inscrições, através do qual os jovens seriam convocados a participar voluntariamente da pesquisa. Optei por ser dessa forma, para evitar a exposição deles no ambiente escolar.

Para formação do grupo-pesquisador, foram delimitados os seguintes critérios: que os participantes tivessem 18 anos de idade; ter orientação homossexual; ser estudante do Ensino Médio e da escola pública Unidade Escolar Cassiana Rocha de Piripiri-Piauí-Brasil. De posse das inscrições, entrei em contato com os alunos, por meio do *WhatsApp* pessoal deles, e os convidei para um encontro presencial no dia 14 de outubro de 2022, realizado em dois momentos: de 8h às 10h e 13h às 16h – todos eles confirmaram presença e participação.

A oficina de negociação é um procedimento importante para toda pesquisa realizada com o método sociopoético, pois nela se institui o grupo-pesquisador, além de ser sugerido/decidido o tema-gerador, como já mencionado anteriormente. Em vista disso, planejei as atividades do encontro com os objetivos de saudar, discorrer sobre a proposta de pesquisa, confirmar a participação e lançar.

Para a saudação, foi realizada a dinâmica do toque – nessa etapa, fiz uma quebra de formalidade ao desconstruir o ato de se apresentar e preferi utilizar a ferramenta da intencionalidade – apresentar-se para mim é conhecer o outro, ou seja, identificar semelhanças, diferenças, o que converge e diverge entre a comunicação e as relações. Iniciei propondo o encontro com a dinâmica do “toque” – ao tocar uma parte do corpo, um movimento deve ser realizado, dando vida à parte tocada. Essa atividade eu costumo utilizar nas minhas aulas de Educação Física com o intuito estabelecer o diálogo e a interação entre as/os estudantes. A prática nos levou ao riso. A cada toque realizado foram produzidos diversos movimentos – processo de criação coletiva. Após o momento dinâmico, propus que nos sentássemos em círculo e, sem uma ordem definida, cada um falasse de si.

Na sequência, ao discorrer sobre a proposta da pesquisa e a abordagem sociopoética – esta me faz sair do ninho e voar beija-floreando entre florestas, campos e rochas, germinando, por meio da arte, sentimentos, afetos, emoções produzidas em bando e com o corpo inteiro. Após relatar a minha vivência sociopoética, foi o momento de confirmação da participação no estudo e de negociar o tema-gerador: fiz a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento importante para análise ética de uma pesquisa e que garante ao participante o respeito aos seus direitos. Em seguida, perguntei se existiam dúvidas e se eles estavam de acordo, e todos, sem objeção, concordaram e assinaram o documento. Aproveitei o momento para sugerir o tema-gerador: jovem gay. Este foi aprovado pelos copesquisadores. Em seguida foi o momento do lanche.

Ao retornar para sala, eles foram surpreendidos com uma variedade de giz escolar (fotografia 2) sobre uma mesa. Rapidamente, expliquei para eles que deviam pegar um giz de cor branca, o qual passaria a se tornar parte do seu corpo. Depois, pus uma música de fundo e os convoquei a andarem no chão da escola traçando linhas retas – ora passos lentos; ora com o aumento da velocidade; mais rápido; correndo, saltando e gritando no chão da escola, conforme as fotografias 3 e 4.

Fotografia 2: Giz Escolar



Fonte: Dados da pesquisa.

Fotografia 3: Andar no chão da escola

Fonte: Dados da pesquisa.

Fotografia 4: Saltar no chão da escola

Fonte: Dados da pesquisa.

O exercício de exaustão foi pensado para uma experiência íntima com o corpo – sentir seus sons, movimentos e intensidades. Alguns deles relataram: “senti meu corpo travado! Quando você disse ‘acelere o passo’ eu senti e ouvi as batidas do meu coração. Eu pensei em me machucar”. Perguntei: alguém pensou em machucar o outro de forma

acidental? Eles responderam com silêncio. A seguir, os convidei para voltarem a caminhar, propondo outros comandos como, por exemplo: andar de olhos fechados; rabiscar linhas imaginárias – criar a partir do ponto (.) e da vírgula (,) experimentar a coordenação motora fina através da escrita em planos alto, médio e baixo, conforme as fotografias 5 e 6.

Fotografia 5: Criação: Ponto e Vírgula



Fonte: Dados da pesquisa.

Fotografia 6: Experimentação em planos e eixos diferentes



Fonte: Dados da pesquisa.

Posteriormente, convidei-os para relaxar: “[...] procure um território no chão da escola, deite-se, feche seus olhos”, pois “[...] o relaxamento favorece que não se trabalhe somente com o lado racional e que se abra para fontes mais amplas de crítica e criatividade (no caso, a intuição – pouco usada em pesquisas eurodescendentes – vem complementar a análise racional)” (Gauthier, 2012, p. 81, grifo do autor).

Para que os copesquisadores se voltassem para si mesmos e entrassem num estado mais propício à meditação e à intuição, utilizei uma música instrumental de fundo com sons da natureza; um encontro com aquilo que o sistema capitalista tem nos tirado, com a finalidade de “[...] que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem totalmente à pesquisa e deixem surgir os conteúdos sem censura, sem ter tempo para refletir, avaliar, ‘melhorar’ o que vai surgindo” (Gauthier, 2012, p. 81-82).

Nesse procedimento, percebi que os corpos estavam flutuantes (fotografia 7), totalmente entregues à prática. O estado de calma é um ponto de fruição – momento de aproveitar para estar consigo, adentrar em si, viver a experiência de conexão com o interno, o íntimo. Desconectar de toda e qualquer interação ao seu redor.

Fotografia 7: Corpos Flutuantes



Fonte: Dados da pesquisa.

Logo em seguida, convoquei-os para riscar o chão da escola, fazendo movimentos espontâneos como espreguiçamento, adução e abdução, rotação, rolamentos e deslizamentos. Segundo um dos copesquisadores, ao avaliar a experiência, “meu corpo parece que foi abduzido”. Tomando por base essa fala, irei nomear a ação performativa dos corpos homossexuais na produção de corpo-gizes de “corpos abduzidos pelo chão da escola” (fotografia 8).

Fotografia 8: Ação performática dos corpos gays na produção de corpos-gizes



Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa ação performativa, os corpos gays experimentaram uma infinidade de possibilidades de movimentos ao riscar o chão da escola, eles gritavam, suspiravam e gemiam. Sem perceber o que desenhavam e, ao mesmo tempo, apagavam os riscos/rabiscos com o rolar dos corpos no piso.

Pouco depois, orientei-os para que descansassem, respirassem profundamente e, aos poucos, despertassem para que pudessem olhar para seu desenho, e para que, com o giz colorido, nomeassem o seu problema: o que é visível e invisível no trajeto do jovem homossexual; como resiste; “dê um nome ao seu desenho”. Rapidamente, eles atenderam à orientação.

Aproveito para explicar que cada corpo-giz foi nomeado com um pseudônimo escolhido pelo participante, observe a fotografia 9. Esses pseudônimos também foram utilizados para nomeá-los como copesquisadores, de modo a preservar suas identidades e privacidades. Um dos jovens sentiu dificuldade para nomear sua produção.

Fotografia 9: Nomeação das produções plásticas de corpos-gizes



Fonte: Dados da pesquisa.

Depois, teve início o momento de conversação – relato oral, no qual os jovens homossexuais apresentaram sua produção plástica e responderam às seguintes perguntas norteadoras: qual é o problema do jovem gay? O que é visível e invisível no trajeto dos jovens gays? Como ele resiste/supera? Para o registro da atividade, preferi fazer gravação de vídeo. As fotografias dos corpos-gizes foram registradas por mim e individualmente por cada participante.

Destaco acerca da multiplicidade de pensamentos na pesquisa sociopoética que não só nas produções artísticas, mas também nos relatos orais que compõem os dados da pesquisa. A técnica “corpo-giz” foi elaborada de modo a incentivar a heterogeneidade de ideias que permitem a criação de confetos (conceito + afetos), problemas e personagens conceituais – esses três elementos são considerados os produtos da Sociopoética. Logo após, apresentarei a *poiesis* do grupo-pesquisador.

Jovens gays no chão da escola: invisibilidades e resistências

Os poemas costurados a seguir, produzidos pelo grupo-pesquisador, germinaram a partir da capacidade imaginativa de perceber as imagens como se as tivesse produzido num atravessamento de sensações, perspectivas e desdobramentos sobre o tema-gerador: jovem gay. Lembro que num lastro de ações de olhar, sentir e reparar as imagens, as palavras brotavam ora brandas, ora abundantes – movimentos, semelhantes

a um tear, gestados pelas minhas mãos e por aqueles que, afetuosamente comigo, teceram versos. Os dispositivos de coesão não buscavam verdades únicas, mas misturavam-se formando um tecido coletivo sobre nossas experiências cruzadas por aqueles rabiscos que no final traçavam também nosso corpo.

Os riscos do chão da escola

O chão da escola é riscado.
Não só por riscos dos movimentos das carteiras,
Mas riscado por marcas do tempo,
vivências, experiências e aprendizados.

Também é riscado pelas violências:
Medos desenhados por ausências,
Solidão que amarga o ser invisível.
Confuso, desenha linhas de esperança
E busca a coletividade para criar potências.

Nessas linhas espiraladas,
Serpentinas são desenhadas
E o risco do abandono se insere na família,
Mais uma vez, o medo se desenha.
O que a família teme?
Violências? Silenciamentos? Invisibilidades?
De quem? Por que a família deve temer?

A resposta está no desenho de um círculo,
De um conjunto,
Que junto
A outros corpos, pode-se fugir.
Mas não uma fuga por medo;
Fuga para um novo mundo
Onde o círculo do amor faça rugir
A coragem de um leão.

Para que nesse caminhar confuso
Não haja riscos de medo e dor, e
Estará seguro, acolhido, aninhado.
Nesse círculo riscado de amor.
Linhas transformadoras
Traçadas com persistências
Para que sempre haja resistência.

No chão riscado da escola

Ao observar o chão da escola tracejado,
De cores e rabiscos,
Desnudei-me de minha bagagem,
Silenciei minhas memórias para sentir e ouvir o significado destes traços.
E assim pude sentir...

Os tracejados de cores e dissabores.
As linhas da inquietude das descobertas.
Um emaranhado de vivências, experiências,
Medos, angústia, desejos e sonhos.
Uma confusão entre corpo e espírito,
Entre o banal e o extraordinário, que se pode experimentar em uma única
existência.
A fuga, o pavor e as dores que atravessam esses corpos mutilados,

Silenciados e renegados pelo preconceito e desamor.

Linhas, rabiscos, trajetões, trajetórias de esperança, aceitação e resiliência,
Que resistem e ressignificam as mordças do tempo, do corpo e da alma.
Os círculos desenhados assumem o significado família,
Uma redoma na qual quero estar protegido,
Um escudo para as minhas batalhas de vida.

Portanto, a aceitação familiar é fator crucial,
e ficou evidenciado como imprescindível
Para que haja uma superação das violências
e atravessamentos sofridos e vivenciados.

Os corpos de jovens homossexuais tracejados no chão da escola juntaram-se, misturaram-se nesses versos; recomendo que sejam incorporados por quem os lê e, numa sinergia sensível, adentre ao pensamento coletivo do grupo.

Começo problematizando: o que é invisibilidade? Peguei meu celular e fiz uma chamada de vídeo para meus amigos gays, Marcos, Henrique e Rodrigo, logo em seguida, perguntei: “o que é invisibilidade para vocês?” Eles me responderam: “É quando a sociedade e seus mecanismos de poder tentam nos ocultar, silenciar e até mesmo apagar, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, mas que, infelizmente, é bem presente no nosso cotidiano”. Rodrigo acrescentou: “Já passei por essas violências. É uma dor cruel, devastadora a qual fui submetido. Senti-me um nada”.

Sobre a invisibilidade consigo, o grupo trouxe os seguintes confetos: **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** é corpo do jovem homossexual no chão da escola que é triste, recolhido, infeliz, julgado pelo seu jeito de ser, pela sua aparência e, por ser negro, é criticado. Sofre *bullying* e isso causa traumas nele (o pior deles é ser negro e a dificuldade de reconhecer-se). A violência que ele enfrenta precisa ser nomeada: **homofobia**, que frequentemente se cruza com outras formas de discriminação, como o racismo. Há momentos que não quer ser negro. Ele sempre questiona que se, caso fosse branco, sofreria menos na escola e teria mais amigos. Esse confeto é uma expansão de sentimentos e pensamentos íntimos, ou seja, um ato de desopressão. Falar de si é dar consistência ao problema. Logo, evidencio a “invisibilidade de si”, por meio da “não aceitação de si”.

Verônica Pereira (2021, p. 157) adverte:

Estar ou passar por um processo de reconhecimento racial não é da noite para o dia. Se não existe representatividade, seja na família, na escola, nos grupos de amigos ou em qualquer outro círculo social, o corpo se distancia da sua própria realidade. Ter a pele negra e usar uma máscara branca não torna alguém branco, mas se você não se

reconhece como negro, como entender que passou por determinadas situações por ser negro? Como enfrentar os preconceitos e as discriminações por ser negro?

O **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** do jovem gay destaca que enfrenta na escola desafios – aceitação e *homofobia*. Isso gera marcas para vida toda. A *homofobia* ainda é muito presente no ambiente escolar e, conseqüentemente, causa de inúmeros transtornos, revoltas e, principalmente, do medo de expressar-se e de ser quem realmente se é. O **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** elenca os problemas causados pela *homofobia*: gera dificuldade de *ser* pela aparência negra; não reconhecimento do ser e de se aceitar negro; medo de expressar-se e de ser quem é. Infelizmente, essa marca é

[...] a herança da colonialidade de poder permanece mais viva do que nunca na sociedade brasileira, refletida nas diferentes e acentuadas formas de desigualdades, assim como na inferiorização e discriminação das diferenças, inclusive, nos espaços educacionais. (Tonet *et al.*, 2023, p. 5).

Isso fez a professora Shara Jane se lembrar da *automutilação* dos jovens hoje, porque existe o chamado auto-odiar – violência contra si mesmo; uma realidade dolorosa que dificulta a capacidade de viver por não aceitação do ser – sentimento de odiar a si, através do qual se perde a noção do que é o próprio corpo nas relações.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma "marca" definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência (Louro, 2000, p. 9).

Por isso, é necessário conhecer e entender as realidades, buscar alternativas de enfrentamento junto a esses jovens com o intuito de construir uma escola que dialogue com as diversidades/diferenças, para que sejam garantidos o acesso, a permanência e o respeito – um local onde todos os corpos importam.

O confeto **Corpo-Giz-Fuga-Confusão** é o jovem homossexual cujo problema é Confusão dentro da trajetória na escola e em casa. Ele se sente confuso porque tem muitas dúvidas. Sabe que deseja homens, mas não quer ser assim desse jeito. *Quer ser normal*. Ou seja, a aceitação de si, enquanto gay, é diferente do outro corpo em que a dificuldade maior é o de se aceitar como negro. Neste, o jovem homossexual é ciente da sua preferência sexual por homens, mas tem dúvida se realmente quer ser gay – o que, para ele, não é normal. Entendo a dificuldade de reconhecer-se homossexual dos copesquisadores, devido ao meu processo também ter sido complexo e delicado.

Nesta pesquisa, adoto outra forma de entender **performatividades de resistências**, a partir da teoria butleriana de que “[...] aquilo que é corporal no discurso resiste às próprias normas pelas quais ele é regulado” (Butler, 2021, p. 233), e na performance “*The Artistic Is Present*”, de Marina Abramovic, que me possibilitou refletir aspectos relacionados à questão da presença, à relação com visão – o visível, o invisível. O apagado. A percepção e a experiência. São aportes no processo de criação da técnica “Corpo-Giz”, por meio da qual os jovens gays se manifestam artisticamente – pelo mover dos próprios corpos no chão da escola e pelos seus relatos orais.

Portanto, uma arte de características híbridas e efêmeras, que tem como forma de expressão o corpo dos artistas, os copesquisadores e a relação entre artistas e espectadores; ou seja, é outra linguagem que pode acontecer de diferentes modos na pesquisa. O grupo-pesquisador, único filósofo, é um performer – o artista. Realço, a seguir, as performatividades do coletivo.

O confeto **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem gay é observador e prefere ficar mais distante; evita ser percebido em público ao usar máscara ou capa que lhe deixa invisível e percebe como as pessoas tratam os outros. Observar é uma forma de saber com quem pode andar, confiar e, também, não querer contato.

A performance está permeada pelo contexto, que incorpora na prática do jovem uma forma de resistência capaz de produzir um “superpoder”: o de se tornar despercebido ao medo, à não aceitação e aos julgamentos das **pessoas-julgadoras**.

A invisibilidade é um poder clássico da ficção e dos quadrinhos como, por exemplo, **Arlequina, Mulher-gato, Darkseid, Lex Luthor e o Coringa** – esses personagens são considerados “vilões” por não atenderem aos padrões impostos. Ter um “disfarce” é a capacidade de estar transparente a olho nu, ou seja, *livre*, mas também de estar protegido de violências. Quem gostaria de ter esse “superpoder”? Quais as “muitas” vantagens de ser invisível?

Os copesquisadores apresentam outro conceito para a invisibilidade: ser despercebido não quer dizer não ser importante ou não existir. Ser imperceptível é uma resistência potencializadora para esses jovens em questão, pois à distância eles podem observar o seu entorno. É uma performance de proteção e **liberdade**.

O grupo apresenta divergências ao pensar a liberdade de modos diferentes. Um exemplo é o celular para trocar ideias e obter informações *massa*. O outro pensamento que traz liberdade é a dança, com ela todos se misturam, independentemente de quem são:

Corpo-Giz-Sem-Nome utiliza muito o celular, uma vez que, com ele, se sente livre e pode trocar ideias com muita gente: primeiro sobre o que *curte*, depois ver vídeos no TikTok, porque tem muita informação *massa*. O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem homossexual vai amadurecendo e aprendendo a lidar com isso, criando asas e se libertando dessa prisão. O jovem gay cria asas no chão da escola com as aprendizagens. O conhecimento lhe traz liberdade e o faz enfrentar os medos; é o jovem homossexual que aprende que não é diferente de ninguém na escola. Esse corpo está pouco *se lixando* para o que falam dele. Ele fica mais na sua.

O visível no confeto **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem é o *gosto de dançar*, principalmente quadrilha. Na quadrilha, se sente livre, se sente uma estrela. Na quadrilha, ninguém se importa se é *bicha, sapatão, trans...* Todo mundo dança junto e misturado.

Os jovens gays, em suas “[...] performances dissidentes da normatização sexual de gênero podem favorecer outros modos de se pensar as aprendizagens nas diferenças, tencionando-as” (Adad, *et al.*, 2020, p. 4). A partir dos termos em destaque nos parágrafos anteriores “se lixando” e “gosto de dançar”, o grupo faz uma reflexão sobre o *corpo desobediente*, que faz torcer os valores pré-estabelecidos e sinaliza outras maneiras de interpretar o mundo, além de ensinar “modos de ser jovem”, corroborando Juarez Dayrell (2003, p. 42):

Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresenta, especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social.

Desse modo, é preciso ter um olhar sensível para as especificidades dos modos de ser jovem. Com esse intuito, pergunto a professoras e professores leitoras/es deste estudo: você conhece a história das suas alunas e dos seus alunos? Como a sua prática direciona os jovens homossexuais para que tenham visibilidade na escola e na sociedade?

O jovem gay e a relação com a família

A respeito da relação familiar, o grupo-pesquisador expõe que o invisível no **Corpo-Giz-Sem-Nome** é a falta de apoio da família, da mãe que fica em silêncio – esse ato dela o deixa triste, porque ele queria seu apoio, conversar abertamente sobre seu jeito, mas a mãe é irredutível e não se propõe a dialogar. Os pensamentos do grupo-pesquisador são heterogêneos, pois identificam divergências nos modos de pensar como, por exemplo, sobre a invisibilidade da família, o **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem homossexual que tem medo do futuro por não saber como será a reação do pai ao descobrir sobre sua orientação sexual, se o expulsará de casa tendo, por isso, que ir morar na rua. Sobre a família e sexualidade, Foucault (1999, p. 104) reflete:

Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apóia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que, no interior, vem duplicar e logo “psicologizar” ou “psiquiatrizar” as relações de aliança.

O problema levantado nesta discussão é a invisibilidade criada pela falta de apoio da família, seja pelo silêncio da mãe, seja pelo medo de ser expulso de casa pelo pai. Esse fato tem efeito no corpo – o sentir a tristeza. O sofrimento diante do não acolhimento e da falta de suporte para afirmação de sua diferença. A família como instituição que, em sua função instituída, reproduz as normativas de gênero. Isso mostra que a violência aos gays no meio familiar acontece independentemente do gênero “mãe ou pai” – os agentes do dispositivo de sexualidade, dentre outras formas de dominar esses corpos como “psicologizar” ou “psiquiatrizar”.

Ainda sobre o tema família, o **Corpo-Giz-Confusão** do jovem homossexual vive a desordem ao ver que sua família cuida dele, mas é ciente que não era o que a mãe e a tia queriam dele, por isso ele cria um corpo policiado, inseguro ao se expressar. Nesse desalinho, os jovens se perdem nesse caminho pela falta de suporte e apoio e sem ter um norte. Seria tão bom se as juventudes gays tivessem a chance de encontrar, nas famílias,

um abraço que acolhe, uma palavra que acalma e um pensar/agir coletivo de enfrentar qualquer barreira em prol da felicidade das pessoas homossexuais!

A essas formas de invisibilizar os corpos gays, o **Corpo-Giz-Fuga** resiste ao **problema-confusão** com o tempo e a maturidade que foram necessários para que, aos poucos, isso fosse se tornando visível, mais fácil de aceitar e lidar dentro da família. O jovem homossexual resiste a partir do momento que se aceita, porém não é fácil. Mas como a tia do **Corpo-Giz-Fuga** diz: “Tem que estudar!”. O **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que resiste ao problema do medo de ser expulso de casa, buscando fazer bicos para ter um trocado. Esse jovem ganha pouco, todavia consegue ter uma renda e ainda ajudar em casa.

Ser um jovem gay na escola

O tema escola é discutido pelo grupo-pesquisador a partir do confeto:

Corpo-Giz-Desabafo do jovem gay é o corpo que não sabe o que quer. Ele é muito cobrado – tem que ser alguém, tem que passar no vestibular. A cabeça parece que não dá para essas coisas e isso o deixa triste. Na escola, sente muito medo dos professores, dos alunos que sempre o apontavam como aquele jovem que não quer nada, que não sabe de nada. Até hoje sente medo, porque esse medo foi paralisante na vida do jovem, o impedindo de seguir e construir. Estar paralisado é aterrorizante e paralisante para este jovem gay (Grupo-pesquisador).

Aproveito para criar um momento oportuno na tentativa de reinventar a escola, ou seja, refletir sobre o modelo educacional vigente que sacrifica as aprendizagens das/os estudantes LGBTQIA+, por meio de práticas normalizadoras dos corpos. A escola não pode ser um repositório onde se inserem as juventudes em um determinado turno (manhã/tarde/noite) ou em tempo integral para discipliná-las/os na ausência dos seus responsáveis. O espaço educacional é lugar de pluralidade e interação com as diversidades/diferenças e as singularidades de cada um/a.

Entretanto, na trajetória escolar das pessoas LGBTQIA +, muitos acontecimentos os atravessam – as violências, a falta de apoio familiar, os vários **tipos de medo** e a **dor**: “Passei a compreender que minhas dores não são só minhas, que minhas lutas não são só minhas; perceber-me como singular, mas também como coletivo” (Nascimento, 2021, p. 80).

Como ser respeitado no processo de reconhecimento? Para responder, utilizo o confeto **Corpo-Giz-Mordança-Mutilação** – o jovem para o qual, embora não perceba, as pequenas feridas não cicatrizadas se tornam traumas, dores silenciadas transformam-se em corpos mutilados, pela dor, pelas ausências, pelas carências e pelos choros que foram engolidos. Muitas vezes os jovens gays do **Corpo-Giz-Mordança-Mutilação** são calados pelo professor, pelo diretor, pelos colegas, pelo jeito diferente de ser. Diferente do que é o normal ou padrão. Os pontos invisíveis desse corpo seriam o medo das violências vividas na família, na escola e na sociedade, principalmente. Por isso, precisa e deve ser reconhecido, aceito, respeitado e discutido nas escolas, nas famílias e sociedade.

Como ser um/a jovem, falar e ser escutado na escola? O confeto **Corpo-Giz-Mundo** do jovem homossexual responde que é o **problema-falso-apoio** da escola que se diz existir, mas não funciona como deveria. Na verdade, na escola só se pensa em tirar nota azul, não discute nada do interesse do jovem gay, nem escutam a gente. Por exemplo, o jovem homossexual gosta muito de jogos de internet, sabe mexer em tudo de computador, mas na escola nem tem computador, nem internet. Para o **Corpo-Giz-Mundo**, fica chato a escola e tem horas que a gente queria aprender sem ser do mesmo jeito. Percebe-se, então, que, ao falar da escola, o **Corpo-Giz-Mundo** também a questiona, denuncia a falta de estrutura e dá pistas sobre os interesses das/os discentes atualmente.

A escola deve ter componentes curriculares que contemplem a educação sexual e as diversidades sexuais? Os copesquisadores replicam: através do confeto **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay ficou com um cara mais velho, mas no sigilo. Ele o pegou atrás da escola de carro e foram ao motel. O jovem homossexual teve nesse dia que *gaze*ar aula. Quando o **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay chegou em casa se sentiu *sujo*; ficou um *tempão debaixo do chuveiro*. Depois o cara ficou só ligando para o **Corpo-Giz-mundo** querendo sair de novo, mas ele não foi mais. Todavia, este corpo jovem tem desejos de usar calcinha e batom.

O grupo apresenta uma realidade do ser homossexual, um tabu para as juventudes: “quando devo ter relação sexual? Como e com quem fazer sexo?” O grupo instaura em mim uma série de dúvidas. Quem é esse cara mais velho? É um caso de pedofilia? Aconteceu algo para o jovem gay se sentir sujo? Imagino a dor de se sentir sujo e impuro após uma relação sexual. Observo como os estudantes homossexuais enfrentam

violências e desafios. Lembro que na minha adolescência me sentia impuro ao me masturbar, conhecer meu próprio corpo.

Ainda referindo-se à escola, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay se sente mais livre, usa as coisas das colegas, passa batom, pinta a unha. Os meninos mexem com o **Corpo-Giz-Fuga** – uns ele nem se importa, outros ele enfrenta e pergunta: qual é o problema? Há os que lhe paqueram escondido. Esse grupo-pensador é um ser de resistência à norma que impõe o uso de batom e pintar as unhas para mulheres.

E apresenta divergências, ora *gazea* para namorar, ora fica com os *cara* na escola e o que é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem homossexual também é o medo de chegar nos caras que tenho interesse e eles se zangarem ou não quiserem sua amizade, ele tem dúvida de saber se eles curtem o seu interesse. Isso é paralisante!

O **Corpo-Giz-Cacos** é o jovem que o medo não o paralisa, o impulsiona a seguir e a recomeçar, a ter foco, a ser uma nova pessoa. Com dores, quebrado e, às vezes, em cacos – é o que o faz uma pessoa forte. A ideia dos copesquisadores aborda um novo conceito sobre o medo – ao senti-lo, o jovem, sente-se impulsionado, isto é, o oposto de ter o corpo paralisado.

O pensamento coletivo é ambíguo – o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay vive essa confusão e sente a sua invisibilidade, principalmente na escola e na família. Esse corpo se diz uma pessoa confusa, tem horas que quer ser bem pintosa, lacradora, nessa trajetória, mas, em outros momentos, tem medo, vergonha de ser assim, de envergonhar a família. Esse corpo não sabe se está preparado para enfrentar os olhares do povo; ele já pegou outro no banheiro, deu uns beijos bem rápido, mas deu certo. Depois, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem homossexual fica triste, porque o *boy* estava beijando outra menina e andando de mãos dadas.

Penso a relação da escola com as diversidades e a diferença, como um espaço onde são expostos e acolhidos paradoxos e complexidades, os quais não se deve anular ou excluir, mas coabitar em interação mútua.

Essa multiplicidade de identidades e culturas encontra-se em convivência, e não em isolamento, passando, na maioria das vezes, por processos de hibridação cultural. [...] Assim, não se pode negar que determinados acontecimentos provocam uma interação cultural com a diferença e a diversidade, podendo resultar em fatos negativos, como guerras, xenofobia, intolerância étnica, misoginia, entre outras formas de exclusão e preconceitos (Veronese; Angelin, 2020, p. 294).

Para as violências na escola, o grupo-pesquisador faz o manifesto: o falar do **Corpo-Giz-Desabafo** sobre a invisibilidade é crucial para mudar a realidade do jovem gay na escola. Chega de “mordaça” e de “mutilação”! A escola, assim como a família, deve ser lugar de apoio, diálogo, de aconchego e, principalmente, de acolhimento; de abraçar a cada pessoa, seja como for, afinal, normal é ser diferente, anormais são o preconceito e a discriminação, que retiram o direito de se ser quem se é de verdade! “O corpo que não aguenta mais é um corpo que tem a potência de resistir” (Pereira, 2021, p. 163).

Considerações finais

Ao me perder e me encontrar por entre confetos, devido às complexidades do pensamento do grupo-pesquisador, permeado de conceitos e afetos, deparei-me com as palavras medo e dor, uma constante durante todo o caminhar deste estudo. Palavras sempre presentes, na infância da criança viada, na adolescência com os vários tipos de medo (de expressar-se, da família, da escola, da sociedade e de reconhecer-se). Portanto, a dor é companheira do medo, principalmente, para os jovens homossexuais. Esse achado está para além dos objetivos desta pesquisa, pois ela revela o *Medo* e a *Dor*.

A personificação do medo e da dor se deve ao fato de os jovens assumirem performances coadjuvantes em determinadas situações de suas vidas, que, por sua vez, despotencializam o corpo jovem diante do que é normalizado. Contudo, ao mesmo tempo, esses jovens criam performatividades de resistências aos valores pré-estabelecidos e à invisibilidade imposta a eles. Dessa forma, ao performarem, eles potencializam o corpo, fazendo dele muralha/armadura/casulo/capa/máscara a fim de barrar preconceitos e as inúmeras violências, fazendo-os jovens protagonistas de suas próprias trajetórias.

Nesse momento, percebo o movimento grupal referente ao racismo, à homofobia e ao preconceito de classe social como estão entrelaçados na produção de vulnerabilidades. A educação e as famílias são instituições que expressam o instituído em relação às normativas sexuais. As mães, os pais, as/os gestoras/es escolares, professoras/es e profissionais da educação são agentes que reproduzem tais normativas. Quem protege os jovens gays? Quais são as redes de apoio no enfrentamento das violências na escola, na família ou na sociedade?

As produções artísticas do grupo-pesquisador revelam as potencialidades dos jovens estudantes homossexuais. São pensadores que produzem novos conceitos, outras maneiras de problematizar e fazer outra ciência por meio do método da Sociopoética. Portanto, não estou dando um ponto final. Isto é o início para outras histórias e novos estudos. “E flutua, flutua/ Ninguém vai poder querer nos dizer como amar” (Canção de Johnny Hooker).

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa, *et al.* (org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014.

XX; VÉRAS LINHARES, Francisca Maria. Jovens da medida socioeducativa em Parnaíba/PI: entre grafias de vida e corpos na guerra . **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 28, n. 57, p. 1–23, 2024. DOI: 10.26694/rles.v28i57.4564. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/4564>. Acesso em: 24 dez. 2024.

ADAD, Shara Jane; NASCIMENTO, Leticia; MARTINS, Lucivando. Aprendizagens em educação e as diferenças – resistências ao heteroterrorismo cultural: que só os beijos te tapem a boca. *Research, Society and Development*, 2020.

BÂ, Amadou Hampaté, A. Tradição Viva In. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO,2010. Capítulo 8, p. 182.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo Editora UNESP, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dic. 2003.

FOUCAULT, Michel. *Sexualidade — História 2. Sexualidade — Teoria I. Título II. Título: A Vontade de saber III. Série 1999*. Rio de Janeiro: Graal, 1997b.

GAUTHIER, Jacques. *Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética*. Mimeografado, 2003.

GAUTHIER, Jacques. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012.

LOURO, Guacira L. (org.) *O corpo educado*. Pedagogias da sexualidade Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler
Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Edição Autêntica Belo Horizonte 2000.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PEREIRA, Verônica Maria e Silva. “*Que pode o corpo negro e periférico?*”: (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI). 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Piauí, 2021.

TONET, Jairo José; RODRIGUES, Cíntia Régia; MENEGHEL, Stela Maria. Educação intercultural como possibilidade de reconhecimento e valorização das diferenças. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 27, n. 55, p. 1–30, 2023. DOI: 10.26694/rls.v27i55.3993. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/3993>. Acesso em: 24 dez. 2024

VERONESE, Osmar.; ANGELIN, Rosângela. Ser diferente é normal e constitucional: considerações sobre o direito à diferença no Brasil. *Direito Público*, [S. l.], v. 17, n. 93, 2020. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/3238>. Acesso em: 7 fev. 2023.

Recebido em janeiro de 2024.

Aprovado em dezembro de 2024.